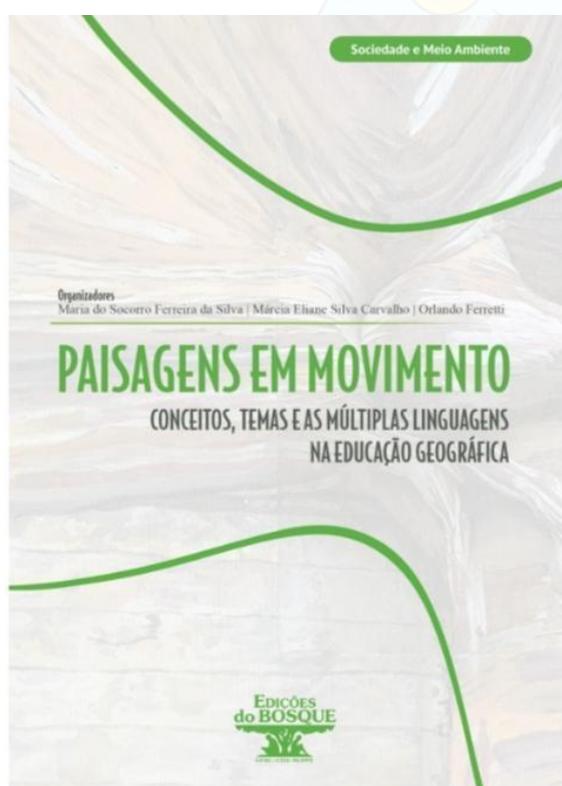


Paisagens em movimento: Conceitos, temas e múltiplas linguagens na educação geográfica

Samira Santos Macedo¹
Marco Aurélio Gordiano Oliveira²

SILVA, M. S.; CARVALHO, M. E. S.; FERRETTI, O. **Paisagens em movimento: conceitos, temas e as múltiplas linguagens na educação geográfica**. Série Sociedade e Meio Ambiente. Florianópolis: Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2022. 306p.



O livro Paisagens em Movimento: Conceitos, temas e as múltiplas linguagens na educação geográfica, organizado pelos geógrafos Maria do Socorro Ferreira da Silva, Márcia Eliane Silva Carvalho e Orlando Ferretti, é um produto coletivo de autores e instituições de cinco regiões do país. Nele há um

¹ Licencianda em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Bolsista do Programa Residência Pedagógica. Email: samira.macedo@ufv.br.

² Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa, foi bolsista pelo Programa de Iniciação à Docência - Ensino de Geografia e Interdisciplinaridade entre 2014 a 2017. Atuação educador na educação básica professor de geografia e supervisor pedagógico. Email: marco.geoufv@gmail.com.

conjunto de quinze textos distribuídos em três eixos temáticos que resultam em uma obra repleta de relatos de experiências, pesquisa, ensino e geografia.

Tudo isso, partindo da análise das paisagens, considerando-as em movimento em prol da Educação Geográfica, assim como traz um novo olhar sobre a paisagem que ultrapassa a instância dos elementos visuais e alcança os elementos simbólicos, históricos e afetivos.

O eixo um inicia-se trazendo a possibilidade da ligação entre a geografia e a literatura como um meio de trazer imaginações e devaneios que tornem a docência mais leve. De acordo com o texto é importante que o educador leve o estudante para fora de si, mesclando ciência e imaginação, considerando que as novidades das coisas não estão nas coisas que são vistas, mas na forma curiosa com que são observadas. Nesse processo, o professor deve desenvolver no aluno a capacidade de refletir sobre o espaço. Contraditório a isso, o ensino tradicional faz com que o estudante seja receptor dos conteúdos ou conhecimentos transmitidos pelo docente, não tendo mediação, mas um processo de imposição. Nesse sentido, o eixo dá indícios de rompimento em relação a modelos mecânicos de educação. Seguindo essa tendência, o mesmo eixo, assim como todo o livro, fomenta fortemente as práticas pedagógicas ativas, priorizando o aluno participante do processo de ensino-aprendizagem. Pauta a necessidade de que o professor impele o estudante a pensar, deixando-o à vontade para falar, escrever o que quiser independente de que seja diferente do seu próprio pensamento e, nesse processo, o que mais importa é a defesa dos argumentos.

Dentro desse modelo de ensino, o que não é desejável são a indiferença e a passividade de pensamento. Considerar o saber do estudante é um dos processos essenciais ao professor que busca apropriar-se de práticas ativas, isso, pois o estudante traz consigo visões de mundo diferentes do mestre, e que podem completar-se no processo de ensino-aprendizagem.

Em Paisagem espelhada na lagoa, a metodologia ativa é exposta em um diálogo imaginário/real entre professora e estudante em que o processo o questionamento sobre a situação de mortandade dos peixes na lagoa que fazia

parte de seu espaço de vivência, redirecionaram o ensino sobre Educação Ambiental. Mesmo não havendo uma resposta de pronto para a questão, a professora foi capaz de envolver o ensino da escolar à pesquisa acadêmica que se relacionava com o tema a discussão colocada pela discente. O texto posto além de partir do conhecimento já adquirido pelos estudantes foi capaz de envolver Escola e Academia de modo satisfatório, vencendo algumas limitações, sabendo que esta relação passa por tantos desencontros.

Em relação às paisagens amazônicas, o eixo traz a análise da água como elemento ao mesmo tempo natural e simbólico, tendo relevância física, mas também valor como paisagem cultural. Do mesmo modo que a malha fluvial impõe modos de vida a essas comunidades, elas adquirem diferentes características que moldam a identidade dos sítios e definem formas próprias de conhecer a água e, assim, surgem às dimensões históricas, do ponto de vista ambiental, imaterial, material e emocional.

O eixo dois, intitulado As múltiplas linguagens no ensino e aprendizagem de Geografia: olhares para a diversidade de paisagens, destaca a necessidade de práticas pedagógicas que superem a fragmentação da geografia e rompa com as heranças deixadas pelo ensino tradicional, disponibilizando conteúdos que sejam mais significativos a vida dos estudantes. Nesse contexto, o estudo da paisagem é colocado como um importante ponto de partida, pois envolve considerar o entendimento crítico dos fenômenos geográficos e dos processos históricos construídos pela sociedade. Junto a isso, considerou-se que o conceito de paisagem tem potencial nos estudos socioespaciais, analisando como elementos físicos e humanos interagem, podendo resultar em formas variadas no tempo sendo elas desarmônicas, excludentes e segregadoras dos seres humanos entre si e deles com a natureza.

O eixo dois também valoriza a operacionalização no processo de aprendizagem, sendo apoio no estudo do lugar de vivência, amparado pelas atividades de campo dando novos olhares às paisagens do cotidiano dos estudantes. O mesmo considerou que o processo de ensino aprendizagem exige envolvimento, discussões, reflexões e respeito às vivências e contribuições

do estudante, e que no processo o professor é um mediador no modo de pensar a construção do conhecimento. O fazer é importante na fixação dos conteúdos para o aluno, em uma das partes do eixo dois, isso foi produzido por meio da produção de cartilhas educativas, no processo de operacionalização, com isso, foi possível perceber a reflexão e atuação dos estudantes do e no espaço de vivência.

De encontro, a educação ambiental mostrou que há um potencial de mudança da sociedade, já que o estudante pode levar até a comunidade mudança de comportamento e atitude. No caso do Município de Salgado, a Educação Ambiental crítica levou os educandos à reflexão a respeito das ações humanas responsáveis por degradar o meio ambiente rural, pelo uso de agroquímicos, agropecuárias, resíduos sólidos e desmatamentos, com isso, não só aproximou a escola da realidade dos discentes, mas os incentivou a olhar a paisagem de vivência de modo crítico e desenvolveu perspectivas de mudança pela ação desses indivíduos no contexto.

No texto Geografia e literatura: as paisagens nas crônicas da cidade, analisou-se como os estudantes percebiam e sentiam as paisagens presentes em seu espaço de vivência e como as crônicas literárias serviam de recurso didático para conduzi-los a observação mais aprofundada das imagens que os cercavam. Com isso, o eixo dois retorna ao diálogo entre a literatura e a geografia, isso quando se buscou analisar a paisagem da cidade de Manaus pelas crônicas literárias. Nesse contexto, viu-se o potencial da interdisciplinaridade ampliando as possibilidades de metodologias criativas.

O eixo temático três traz questões sobre a relevância da cartografia escolar na construção do saber geográfico sobre as paisagens. Para isso, pauta relevância do desenvolvimento da educação cartográfica, considerando que os recursos cartográficos, instrumentalizam as pessoas na leitura de mundo. Dentro disso, a Cartografia Escolar apropria-se das representações espaciais dos dados, dos fenômenos e da linguagem cartográfica, logo, para desenvolver a educação cartográfica, é necessário ao educador um domínio da representação espacial dos fenômenos.

Essa parte em específica, trás consigo a reflexão sobre as problemáticas da formação do professor de geografia na área da cartografia, já que ao não ter dominar o conteúdo durante a formação, ao ensinar, não consegue torná-lo claro ao discente. Embora considere injusto afirmar que o ensino depende apenas do professor, as análises mostram problemas didáticos presentes na formação básica deste. Com isso, traz a necessidade da inclusão da disciplina de Cartografia Escolar na Academia, e não apenas a matemática. Somado a isso, o eixo busca ampliar a visão sobre o conceito de cartografia, saindo da ideia apenas técnica, para contemplar a científica e artística.

Para além, de acordo com o texto Cartografias e representações da paisagem, a cartografia que mais se aproxima da perspectiva da geografia é a de interpretação e análise do mundo. Somado a isso, a Cartografia Escolar passa pela representação do lugar e apresenta a visão do estudante sobre o lugar vivido e sentido por ele. Com isso, destaca que ao buscar desenvolver a cidadania, os mapeamentos feitos pelos estudantes, necessitam conter dados da realidade vivida, em um processo de reflexão. Isto é, ao fazer um mapa do lugar, o educando mostra a sua habilidade de observação e de representação. A Cartografia Escolar é compreendida como a forma como o indivíduo representa sua realidade espacial. Logo, pode-se imaginar o recurso como atividade inicial, para entender os conhecimentos já adquiridos, como recurso de aprendizagem ao refletir sobre o espaço e avaliativo, ao retornar ao que foi aprendido no processo de produção.

Na Cartografia Escolar, mapear e relacionar, o mapeamento do espaço vivido permite ao estudante compreender a relação com o meio. Isso se revela na atividade descrita no texto Cartografia escolar: Lugares, paisagens e afetividades nos mapas mentais de estudantes indígenas, realizada com estudantes indígenas por meio da elaboração de mapas mentais. Por meio desse método, os discentes colocaram em atividade as memórias dos afetos e desafetos em relação aos seus territórios, isso se mostrou quando demonstraram felicidade em torno da própria cultura e materialidade ambiental, ao mesmo tempo, infelicidade em relação aos elementos não

indígenas. A saber, no caso da rodovia, muitos decidiram não incluir esse e outros elementos ao mapa. Nesse contexto, é importante que o professor aprenda a ler e conhecer a realidade do discente.

No mesmo contexto, foram extraídas imagens do Google Earth e comparadas com os mapeamentos produzidos pelos estudantes, evidenciando como, embora seja visualmente fiel à realidade, não consegue expressar os valores imateriais inscritos na paisagem daquele povo. Dentro disso, considerou-se este um dos motivos pelos quais os mapas dos livros didáticos e Atlas utilizados em sala de aula, são incompletos para a análise geográfica. Para esta crítica, um modelo não exclui o outro, mas devem ser inseridos em contextos diferentes de ensino de conteúdo.

Em outro momento, o eixo três aborda a relevante questão da inclusão de cegos ou deficientes visuais na alfabetização cartográfica por meio da cartografia tátil, criticando o fato de pesquisas relacionadas ao tema serem praticamente escassas no Brasil até 1980, mas levando a curiosidade e vontade do leitor sobre o tema.

Mais do que problematizar as questões da educação no cenário atual, o livro *Paisagem em Movimento* oferece ao leitor possibilidades de inovar o ensino. O que também há de destaque no livro é que a maioria das possibilidades postas não ficou no mundo das ideias, mas foram colocadas em práticas, logo, é a soma de um conjunto de resultados de pesquisa, experiências e fazeres do cotidiano escolar. Com isso, o livro segue caminhos inversos a muitas das obras sobre a geografia e o ensino, que se amparam em criticar modelos existentes, mas pouco se mobilizam em contribuir com possibilidades e meios de mudança. Sendo assim, o leitor docente que termina a obra, sente-se motivado a lecionar, e não desmotivado com entraves quase impossíveis de mudar.